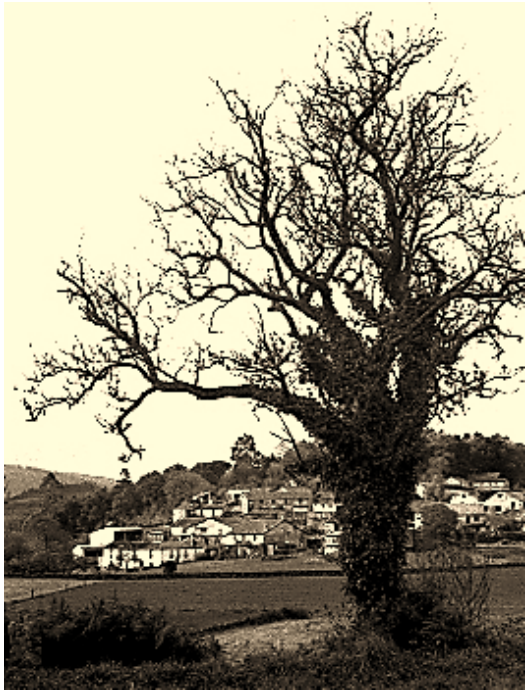
A Norte De Casa



poemas escritos entre mundos a norte e a oeste do brasil

Carlos Rodrigues Brandão

A quem vá ver ou ler este escrito

Este escrito, assim como todos os desta série, é um antigo ou um novo texto elaborado em algum tempo e para alguma finalidade. Pode ser o capítulo de um livro ainda vigente, ou já esgotado. Pode ser um artigo de revista de novos ou velhos tempos. Pode ser também um texto nunca publicado, e escrito para ser dialogado em encontros, simpósios etc. Em alguns há indicação da origem. Em outros não. Alguns foram revistos e atualizados. Outros não. Alguns trazem ao final uma bibliografia completa, ou quase. Em outros ela está ausente, ou incompleta. Ele pode ser acessado livre e gratuitamente. E deve ser utilizado de forma solidária e corresponsável.
Boa parte de tudo o que escrevi entre livros e artigos, pode ser encontrado em www.apartilhadavida.com.br
ou também em LIVRO LIVRE no site www.sitiodarosadosventos.com.br

Sobre estes poemas escritos longe de casa

Aqui estão poemas escritos creio que desde 1985 até 2015. Trinta anos de escritos feitos durantes viagens para fora do Brasil, ou durante os meses em que vivi na Espanha, na Itália e na Inglaterra.
Alguns deles estão em dois ou três livros meus publicados.
Quase todos foram escritos a mão, entre uma viagem de trem, durante uma reunião demorada ou – mais raros – em alguma casa.
Vários foram escritos em páginas de livros de poesia que me acompanhavam em uma viagem. Não viajo sem levar comigo um livro de algum "poeta do lugar".
A influência de alguns deles, entre Auden, Yves-Bonefoy e, sobretudo, Salvatore Quasimodo, será visível. Antigo costume meu.
Por outro lado, um certo ar de improviso, de escrito "no calor da hora", sem o cuidado lento e artesanal que um poesia merece também será notado com facilidade.
Não estão aqui poemas anteriores, como o ciclo da Meseta Tarasca, publicado em ***Diário de Campo*** *e os poemas de Europa e América Latina publicados em* ***O Dia de Sempre.***
Não estão também aqui poemas não encontrados. Escritos algum dia em algum lugar e esquecidos entre páginas de um livro, entre folhas soltas... folhas ao vento.

A quem me leia... boa viagem

Carlos Rodrigues Brandão

Itália

A igreja na igreja

Na úmbria, em Assis
quando tudo era seda e veludo
e mais o suave temor de Deus,
e havia iluminuras e cruzados
algumas guerras contra Perugia
e canções de amor e sofrimento
e altos muros de pedra,
na igreja erguida no monte
levantaram uma outra, maior.

Casa no coração da casa
e alma de uma vida em outra vida.
A areia, o barro e mais a pedra
exageram a fé dos homens
e mais o mando medo que ao tempo
dá a tudo um gosto de sagrado.

Gaveta que uma outra esconde
e caixa em outra caixa trancada
para que se eleve a alma das pessoas
como se, tal como o templo, fosse deus.
Palavra que uma outra apaga
e temor que do temor se oculta.
O gesto humilde humilhado no solene
como o frade sem a fé de um frade.
O vazio que cobre o que era vida
como a roupa do monge sem o monge.

Spello
1985

O beijo na pedra

Sob a água que na fonte cai
ali, onde um rosto encontra um outro
no vão do ombro da dura pedra
talhada pela mão esquecida de um homem
que sem nome esculpiu aquilo
e depois em casa comeu salame e figos
o tempo veio um ano e depois outro
e de novo modelou a escultura
erguida na fonte, na praça da esquina.

O cinzel mudo e sábio
da mão direita do vento frio
refez entre um inverno e outro
o gesto de ternura dos amantes
a pedra presos por um beijo.
Roídos entre anos e olhares
moço e moça se fundiram num só corpo.
E agora nem a fumaça corrompe
e nem o tempo separa mais.

Roma
1985

E a vida e o vento

O meu tempo que passa
passa em todos. E isso consola
mais que a alma, mais que deus.
Morremos como todos
e a alma destila
o seu vinho de eterno.
E a vida, e o vento
trabalhando juntos
moem e roem os traços
dos tardos sinais
de quem fomos. Fomos?
E deixam no chão
o resto do acaso
de que fomos feitos.

em Assis, em 1985

Uma pequena imagem de Nossa Senhora na ponte de saída de Assisi na subida do Monte Subásio

Não sabe o vento
que descora o campo
que a gasta, a pedra
desvela uma alma.

Não sabe a chuva
que nivela a pedra
que a alma dela
revela um corpo.

Sinais que a vida
Deixa na pedra
E a chuva e o vento
Trabalham juntos
Roendo os traços
Do semelhante.

Polindo o tempo
e deixando o rastro
da imagem impressa
do ser da gente
que somos todos

Escrito em uma folha de um caderno de viagem onde está escrito: "Itália – crônica da Itália – 85". O poema está em um escrito feito em Assisi, no dia 21 de dezembro de 1985. Está escrito ao lado da data: " 1ª peregrinação – saída 10.30 hs.

Poemas e fragmentos escritos em um livro em Espanhol com poemas de Pablo Neruda

Primeiro

Em então, noite fria
Quando o inverno rouba do céu
Da Itália amada
O rosto das estrelas
Com que se orientam os pastores.
Então eu te diria do amor desesperado
Que esta terra de flores e raízes
Faz nascer nos adros de minha alma.

Na última página em branco de Pablo Neruda – antologia poética 1
Nápoles/Roma 28 de dezembro
chegando para partir (1985)

Segundo

Onde está a vida
Dos que fizeram a palavra
Ser a cidade imemorial?

No alto da página 196

Terceiro

E estavam os objetos da noite
Pregados no vidro da lenta memória,
Em azas de gaivotas azuis
Mortas de tanto voar
Em busca de flores de esmeraldas
E sorrisos de virgens desaparecidas
Na bruma da manhã
Na densa nuvem úmida da manhã
Onde nascem, todos os dias nascem
Dançarinas, mágicos e mortos.

Na parte de baixo da página 134
Milano/Assisi – 20 de dezembro

Quarto

Alguma coisa de uma fuga imensa
Que não se vai e que arranha dentro
Algo que casa as palavras, que fundos poços
E algo que contra tudo se lança e contra todos
Como à noite fazem os prisioneiros
Contra o terror sem fim dos calabouços

No baixo da página 35 Campinas/Rio
caminho de Roma – 10 de dezembro de 85.
Mas acima do poema estava escrito:
Bogotá/Panamá – 11 junho 83

Quinto

E estavam os objetos da noite
pregados no vidro da janela
como a lenta memória
das asas de gaivotas azuis
mortas em alto mar, longe da terra
em busca da flor das esmeraldas
e os sorrisos dos desaparecidos
na bruma da manhã.
Na densa nuvem úmida da amanhã
Onde nascem, todos os dias nascem:
Bailarinas, mágico e mortos.

Milano/Assisi, 20 de dezembro de 1985

Sexto

Aqui, neste lugar chamado cerrado,
Sertão, onde o ilimitado espia o próprio aço
e de seu corte não reconhece onde termina,
aqui onde o cor de mil pássaros
não roça ainda o mapa de Minas,
O território marinho entre os monte
Onde qualquer caminho é princípio e fim de si mesmo,
Porque nada parte e nada chega:
Goiás, o infinito vagar entre os dias sem horas
E as noites sem fronteiras.

Sétimo

E então, noite fria,
Quando imenso rouba do céu
O rosto e o nome das estrelas
Com que se orientam os poetas
Então, eu te dizia sem desamparo
Que esta toca de flores e de ruínas
Nasceu assim nos adros de minha alma.

Nápoles/Roma, 29 de dezembro

As altas neves

O inverno antecipa o desejo do triste
e no meio da tarde a noite chega cedo.
O coração veste lãs e o arado do frio
abre sulcos na terra e congela os carvalhos.
Os pinheiros do monte abraçam os gelos
e a neve se aninha na casa dos homens.
O silêncio redobra um som esquecido
e o vento alisa o rosto do monte.
O duro corpo da pedra entre aqui e os Alpes
de onde o sol nasce lento, como um monge
como a morte. E deixa no chão a sua luz acesa
para que os homens não se percam
e nem os pássaros e as vinhas.

Selva di Cadore, nos Alpes
1988

Perúgia

Assim terá sido, como assim dizem
os almanaques das bruxas de Perugia:
Em algum tempo etruscos estiveram aqui.
Há uma ponte ao Sul e a há um portal,
um poço sem fundo e sem água, um aqueduto
e alguns sinais não decifrados em paredes de casas
em pátios escuros onde a roupa seca
e nos caminhos de fora, trilhas do efêmero.
Há traços deixados no corpo de alguns meninos
e no raro nome etrusco do sol e seis estrelas.
Eles terão plantado o trigo, o centeio e algumas ervas
e por quase milênios amassado um pão sem sal.
Terão aprendido um estranho vinho de uva e aveia
e aquecido com palhas e mel o frio de março.
Há pinturas com sinais de saltimbancos
tardes de festas e raros ritos de guardar os mortos
além de um leve acento não romano
na fala dos velhos de hoje no andar das moças.
Assim foi. Como outros antes e depois
os etruscos estiveram aqui e passaram.
A terra de algum lugar desconhecido
cobre de silêncio os ossos de seus corpos
e a poeira dos montes esquece os seus nomes.

10 de dezembro de 1991
Durante a palestra de Carlo Ginsburg
na Universidade de Perugia

Veneza

Do mar nenhuma onda ameaça nada
pois tudo está aí e tudo é sempre
o mesmo e mais a alma de Vivaldi.
As pombas pousam na praça como em casa
e três gaivotas bebem vinho com turistas.
Ninguém se anima a casos de aventura
neste mar que é um lago sem sereias
e apenas a cidade afunda a cada noite.

O coração descansa às sete horas
e um sino soa de novo e ninguém ouve.
Escondidos na lã os corpos voam
como as almas de santos em São Marcos.
Não se peca em janeiro, não há tempo
e no passar das gôndolas dos postais
há um ar de dor, vela e violino
como um amargo concerto de finados.
Mas os vivos se alegram e conspiram
e contra o mar e a morte dizem preces.

Cinco horas, o sino toca sete vezes
e, como um barco, a manhã hasteia velas.
Houve um dia um acordo: tudo é eterno,
e os corpos perduram, e os ladrilhos.
Os cartões postais repetem cenas
de Marco Polo entre sedas e veludos
como nos carnavais dos mascarados
que se disfarçam para dizer quem são.
Mas o mosaico da igreja onde ele orava
antes de fugir da mãe para os desertos
aos poucos se solta do chão da nave
e ameaça a cidade e a crença em deus.
A cada carnaval Veneza afunda um pouco,
mas a torre do Duomo tem cem metros
e até desaparecer terá vindo o fim do mundo

Veneza
Inverno de 1992

Penélope

A tarde cai e é outra. E ai!
Dói na pele da alma a hora,
e na ante sala doze homens esperam
e têm pressa. Estão armados.
Eles se armam de bronzes e têm a pressa
de quem sabe que a via move a mó
lá onde a morte moi o sal e o mel.
Na adega o vinho novo amadurece
e três cegonhas retornam da Sardenha.
Mais perto um pouco de Ítaca, mais ao norte
Ulisses viaja na jangada e pensa: o corpo espera
e o desejo dela é um desenho na parede.
Mas viver é bom enquanto há mar.
E o mar esconde tudo e não se escuta
nem a vaga e nem o coro das sereias.

A mulher fia e o homem tece: Ulisses.
Na aljava pendurada e à espera
as setas afiam a ponta e o veneno
e há um jogo de búzios a seis deuses.
O cão acorda e ladra ao vento
e uma velha reconhece a cicatriz
e logo será noite e sangue tinge a sala.
Um fuso escapa e cai da mão das musas
e não sabe a tecedeira se chora ou canta
Enquanto Zeus, disfarçado de marujo
pergunta a mulher que por fala enquanto baba
se tanta morte, tanta, vale o amor
ou se mais vale um tapece inacabado.

Petrignano di Assisi 1992

Ripa
Cidadezinha da Úmbria

Há rostos que mudam
e traem o tempo,
seu passar, seu vagar.
O desejo do novo deixa sulcos
no espelho do rosto da memória.

Por isso, escondida no alto
de quem sobe o monte
ao Sul de Assis e dos turistas
Ripa, a antiga,
ao redor da cidadela
armou sua muralha
com tijolos e prédios
desde onde se vigia ao longe
e onde quem vigia, mora.

Armou sua muralha
com prédios de casas
de esmalte e cimento
e não de pedras de cor rosa
como Assis e como Gubio.

Com janelas e varandas
eles olham para fora
e buscam além das aves
as almas dos mortos.
E as almas de branco
com o branco das pombas
passeiam sem pressa
pela tarde de inverno.

Passeiam perdidas
e procuram os sinais
do que houve, quando?
Procuram e não acham
porque os vivos de agora
com compassos e metros
mudaram tudo ao redor
de um lugar onde sempre
uma velha de preto retorna
e com vassoura e vagar
varre folhas s da neve
varre as almas, e chora.

Petrignano de Assisi
1992

A cruz no monte

Escuro, para ser um sinal
de um Deus, aqui na neve
e no alto de um monte na Úmbria
fizeram de ferro e fincaram
aqui, um cruzeiro.
É inverno e o frio flauteia
o vento do Subásio.
E a cruz espreita o voo
da volta dos patos dos lagos do Sul.
Não é lugar de romeiros
e sozinho e sem nome o cruzeiro
espreita os sinais da volta de Deus.

Petrignano di Assisi
1° de janeiro de 1992

O sino de Roveretto

Aqui por onde passa o Ádige
Fundiram os homens
As balas das armas de fogos
Com que os homens se matam
De tempos em tempos
Para serem senhores
De Rios como o Ádige
E terras, como o Tirol.
Fundiram canhões e fuzis
E do caldo quente, cor de bronze
Fizeram as mãos de Roveretto
Um sino enorme que soa longe
Entre os montes dos Alpes.
Gravaram nele nomes de homens
Que um dia tombaram
Aos dois lados do Ádige
Em nome do quê?
E o rio quando passa
Ao lado do sino
Silencia e escuta
Uma canção que repete:
Haja paz! Haja da Paz!

Em Roveretto, onde faz anos estive em um encontro com jovens da Itália, da Iugoslávia e do Brasil, sobre a Paz, ouvindo sino.

Ciclos breves de pores-do-sol na Úmbria

Castelo di San Gregório

Por detrás dos carvalhos
E ninhos de cucos
nos gelos da Úmbria
o sol se aquece no fogão
que o fantasma de um velho
acende às seis horas.
E, cor de cobre, ele some
E longe ele espera julho e o verão.

Sobre telhados

Em Santa Maria Deglli Angeli
um sol do Chile
de poncho de lã
escurece a noite da Porciúncula
às cinco e meia de uma noite
que treme de frio
e espera a manhã.

Em Castel D'Arco

Uma colcha de cinza
tecida de gelo
e bordada de neve
esconde o horizonte
em Castel d'Arco.
Só um fio de luz lilás
e carmesim
clareia o sol posto
dos montes de Assisi.

Em Roca do Sant'Angelo

Mais pesada de memórias
De lãs e adereços,
De roupas de antanho
Por baixo das roupas
Uma saia de velha
Camponesa de aldeia
Cobre tudo e todos
E dos gelos se esconde
Em Roca di Sant'Ângelo.
Quando o sol se pôs
Onde foi? Em que monte?

Nos caminhos de perto de Assisi

Caminhos de Orte

Um campo de ovelhas
Brancas, na tarde
Comia o orvalho
Que o noite esqueceu
No verde do pasto.

No trem indo pra Roma
1992

Explico algumas coisas

E aconteceu que havia em tudo o frio
E sem a neve era um frio sem a magia.
E havendo eu lido alguns poemas de Neruda
com gerânios e araucárias
que me saiam da alma pelos lábio
eu cheguei a um lugar da Itália
longe de fantasmas e de turistas
em uma estrada entre montes
que ia de Spello a Assisi, ou a Vatopina.

E como eram as duas horas da tarde de dezembro
O sol de inverno, um sol de manso rosto
Expulsava dos vales da Úmbria a névoa que tudo cobria
Com um manto de seda, como em noiva:
a estrada, os cavalos peludos, os pés de oliveira
os evangelhos e as fontes de água de mil anos
o não rumor dos bichos nos matos frios do inverno
As torres das casas de e a fumaça de alguma chaminé
As torres e os sinos de Collepino, longe,
E os outros sinais de guerra, amor e espera
que aqui como no Sul há entre Deus e o Homem.

E como fossem as duas horas da tarde
e era o inverno há dois dias esperado
entre as janelas fechadas e o calendário na parede,
a uma lua quase cheia e triste, como um fim de fogo
acendia no céu seu facho sem a festa e me dizia
que apressasse os passos com asas de pássaros
porque cedo viria a máscara da noite,
Eu escolhi a estada de Assisi
e comecei a caminhar sozinho
e sem sequer a sombra de meu corpo.

Ninguém poderia estar mais distante, milhas a leste
Dos repentes de ira que alimentaram a Espanha
entre os sangues e ódios dos poemas de Neruda
ao golpe dos prantos da memória incendiada,
em tempos em que por alguns nomes
os homens se matavam
e em pratos de prata punham
os seios cortados das mulheres,
Do que eu, naquela tarde de lua e bruma na Úmbria.
Foi quando o poeta de Temucoera e não mais o meu guia
do que Francisco, o santo que por aqui andou
antes de mim.
E de longe ele veio acordar não sei
em que esquina de quem sou
o duelo nunca resolvido entre o desejo de amar
a tudo e todos,
e sobre o telhado da vida erguer bandeiras brancas,
ou o sangrar as mãos e a alma se preciso,
em nome de um velho pobre que é faminto
e não me olha como quem suplica a moeda ou o pão,
mas como quem sem nome me conclama,
eu e meu corpo inocente de passante
a não ser cúmplice do haver do mal do mundo,
e o me deixar como quem de longe estuda entre os filósofos
ara escrever na calma do quarto que afinal no homem
o amor e o mal se enlaçam
mais do que no lobo de Francisco,
e nada há fazer a não ser pensar o que há de lobo em nós.
E como na encruzilhada do caminho
entre duas estradas eu escolhi uma
E por ela eu me ia a Assis e me dizia até quando,
diante dos dois caminhos que há em mim
eu paro e sem escolha espero a noite vir.

Estrada a caminho de volta a Assisi
23 de Dezembro de 1992

Entre Florença e Perugia

Firenze

Era fria a tarde
E era suave
como a vela de um barco
e a madrugada.
O céu vestia a noiva
e serenava.
A alma branca do rio Arno
esquecia guardas e turistas
e abrigava o pouso
de dois patos
que em suas águas de prata
navegavam.

O rio Arno

Verde no agosto
e branco no inverno
ele esquece a guerra
e os mortos de elmos
que morreram há séculos.
O rio sonha isso:
a paz e os bichos.
Cor de esmeralda
depois, diamante,
o rio flui e reflete
o carvalho e o céu
o castelo e o sonho

Uma torre, um castelo

Quantas almas à noite
vagam no castelo
entre o fosso e a capela?
No cemitério ao lado
alguém acendeu velas
e há uma antiga estória
contada as lareira
entre o vinho e o medo:
duas virgens e um príncipe
morreram faz anos ou séculos
e seus corpos se buscam
(como irmãos? como amantes?)
vivos, por encanto.

Um campo de trigo

Num campo de trigo
em abril arado
em maio semeado
uma pomba pousada,
nem cinza e nem branca
esperava... esperava.

Filique

Já não há mais aqui
como em Brescia ou em Parma
os pinheiros de julho
cobertos de neve.
A verde Toscana
entre cores de quadro
como a Úmbria e o Lázio
sacode a neblina
e espanta o inverno.

Montevarqui

Dava adeus
ao viajante
com o lenço dos galhos
um carvalho latino
sozinho na tarde
sem folhas, sem gralhas.

Toscana-Umbria

O ouro do outono
dourava o inverno
e o sono do vinho
dormia no campo.
Com os braços em crus
morria a parreira
sozinha, à espera
da Páscoa de maio.

O lago Trasimeno

Ás quatro e quinze
um sol do Ártico
tingia de prata
a água do lago.
Voava uma garça
uma garça voava
e renascia a tarde
no voo da garça.

Beira do lago

E ao norte da vida
na beira do lago
nem perto e nem longe
uma única nuvem
vagando sozinha
do céu de janeiro
via o voo apressado
de mil andorinhas.

Os campos de inverno

É tarde. É triste
e os campos vazios
de trigo e de vinho
tremiam de frio.
É um inverno de névoas
e a vida, onde está?
Onde estão as moças
e saia e avental?
Onde os moços de um tempo
de calça e casaca
cor de terra e de anil?
Camponeses esquecem
O campo e o quintal
aquecem o corpo
com fogos e grapa.
É inverno e os campos
dormem e sonham abril.

Entre Florença e Perugia, num trem.
12 de janeiro de 1992.
Uma moça belga, no banco da frente
viajava pra Trevi em busca do noivo.

Errante ela viaja

O que eu era quando vim, perdi um dia
e o mal de haver tornou-se tal espera
que de repente a dor, a nau e o vento
me deram asas, e deram mais, deram alento.
Alma, serena irmã de meu corpo, esse amador,
acaso retorno, alma, à casa de meu tempo?
Ao meu veleiro eu volto, ou volto à morte,
esse difícil mal do acaso sempre à espreita?
É tarde e a alma chega, e vem sem medo,
errante ela viaja, e não há volta
e não há porta ou senha; e não há ponte,
mas a conjunção de Áries com Netuno
me diz: "o lar de arcanjo era aqui!"
É outono e há castanhas pelo chão
e a alegria de elfos e de esquilos,
Há fogueiras no monte, um fogo aceso
a lembrança de Artur e seus guerreiros
e o desejo de dormir a noite e o dia.
Mas é tarde e alguém diz que em outro porto
alguém dançava a um deus uma palavra
escrita em Celta, não sei, gravada em ouro
na porta de um lugar onde, cansada e só
a alma arranha a sua areia e deita
e adormece à beira de meu corpo.

Petrignano de Assisi
inverno de 1992

Se tanta morte vale o amor

A tarde cai e é outra, e ai!
A hora doí na pele e na antessala
doze homens esperam e têm a pressa
de quem sabe que a vida move a mó
de onde a morte moi o mel e o sal.
Na adega o vinho amadurece
e três cegonhas retornam da Sardenha.

Ulisses viaja e pensa: o corpo espera
e o desejo é um desenho na parede,
mas viver é tudo, enquanto há o mar.
E o mar esconde tudo e não se escuta
o vento e nem o coro das sereias.

A mulher fia a espera e o homem tece a flecha
e na aljava ele afia a ponta e aposta
que há um jogo de búzios e seis deuses.
Um cão acorda e ladra ao tempo
e uma velha mal cala a voz do espanto
quando a mão roça na pele a cicatriz.

E logo é noite e o sangue tinge o chão
e não sabe a mulher se chora ou quer
o corpo de quem pousa o arco e banha os pés,
enquanto Zeus pergunta a Delfos
se tanta morte vale um tal amor
ou se mais vale um tapete inacabado.

Petrignano di Assisi
Inverno de 1992

Spello
Uma pequena igreja românica

As pedras não formam a abóbada
E nem no altar há santos.
Nada é de ouro e nada brilha.
O silêncio pede rostos arrancados da pedra.
Houve um tempo em que se sabia
Que a alma não é o espírito.

Pretos de Baixo – no Brasil
25 de fevereiro de 1993

Nos Alpes

Havia ovelhas
Naquele prado alto e a noite
Escureceu o rosto de uma velha
Que sentada na varanda
Tricotava um novelo de lã cinza.
Ao vê-la tricotar, o tempo passa
E quais ovelhas pastarão aqui
Quando a velha tricotar
Além das nuvens
O seu novelo de lã, agora branca.

No eremitério de São Francisco
dito: Êremo

Terão aqueles homens de cor marrom estado aqui?
Terão sentido, como eu agora
o perfume dessas folhas queimadas
e ouvido, como eu, aqui, o silêncio da morte?
Terão andado como eu pelo mesmo caminho
que a neve branqueia nos degraus da escada?
E terão escutado como eu o som dos próprios passos?

Que sinais um deus esculpe no coração do homem,
quando tudo o que há para ouvir aqui
é o ruído ao longe do voo e do pio de três pombas?
Que palavras ouviram que não se fale em qualquer feira,
mas que apenas em um lugar como aqui
se reúnem para compor no fim da tarde,
como um poema ou uma canção de Natal,
alguns sentidos ancestrais com que os sussurros da vida
escolhem certos homens e os separam dos outros
entre os ermos que há na Terra e a pele de seus corpos
cobertos de lã, de lama e de silêncios?

Terá sido assim? E se foi algum dia,
que estranho poder de recompor palavras
e operar os milagres que curam vacas e crianças
terão esses fiéis homens ingênuos possuído?
Que diferentes sentimentos que não vivo agora
terão habitado os seus dezembros?
E quais gestos, com que corpos como o meu
terão aprendido a criar para dizer aos outros
que uma vez possuídos pelo silêncio de Deus
eles eram, como todas as outras coisas por aqui:
as folhas secas, as pombas, as cinzas queimadas,
a neve na escada e a vela acesa na capela vazia,
apenas outros iguais portadores dos símbolos
com que a vida no inverno sussurra ao homem
os sinais de sua própria humana divindade.

Fontana de San Silvestro

Dá-me dessa água pura
de que nem o gelo tira o ardor.
Dá-me desta água, dádiva
dada à sede de quem chega.
Dá-me o silêncio que havia
quando ao pôr-do-sol cheguei
nesta fonte escondida entre árvores secas,
e o martelo de um último pio de cuco
sobre um chão de terra e de neve
de um inverno à espera de uma flor

Colepino

Também eu bebi da água fria
de uma fonte de pedra em Colepino
Talhada a mão por quem? Por que?
Límpida água da Úmbria que o frio do fazia mineral.
Ali estavam reunidas todas as forças do Universo.
todos os astros e as estrelas,
e a energia do ainda não sabido.
Tudo o que houve sempre, e ali havia
para que um fio de água fria
fluísse de uma fonte em Colepino.

Spello

Sobem as ruas morros e varandas
e semeiam perto umas das outras
fileiras de casas de pedra clara
como se um pintor de mil e trinta
pendurado para sempre.
A cidade esquecido, abandonasse a tela
e a houvesse povoa os montes
e deixa os vales aos pastores.
Presépio armado um dia num Natal
e deixado ali, e esquecido entre os anos.
Na noite gelada de dezembro em Spello
apenas a lua, algumas velhas de preto e eu
ouvíamos o vento viajar por entre as pedras
de casas que o silêncio toca, como preces.

A igreja de Spello
outra versão

Ergueram dentro da igreja, outra.
Casa dentro da casa
E dentro da sala outra sala.
Gaveta que serve a esconder outra
E caixa que outra caixa guarda.
Palavra que uma outra oculta.
Temor que do temor se abriga.
Cidadela que protege o forte.
Um oceano que o mar esconde.
E um deus que pede pousada
na casa de um outro deus.

Armezano

Falando entre eles uma língua escura
com esquinas sem luzes e ruelas de pedra
os velhos vestidos de chapéus e calmas
armaram no meio da rua em Armezano
e acenderam uma fogueira de perfumes
e de galhos secos de pinheiros.
A sua luz sonhava ir aos céus
E o seu calor clareava longe
E a luz chegava como toalha de fino pano claro
ao banco de pedra onde eu sentei por um momento.
Ao redor de uma mesa eles fumavam
e bebiam o vinho do fundo dos quintais.
Nada nos falamos e nada havia o que falar
Mas entre olhares de silêncio e de ternura
Por um instante trocamos um olhar cúmplice
e se preciso fosse, em morreria ali por algum deles.
Foram os primeiros camponeses da Itália
que entre o frio e o fogo e o cheiro dos pinheiros
eu conheci numa noite até então sem rumo.
Um bando de velhos ao redor do fogo
à espera da noite que virá sem pressa
e da morte irmã da vida e da espera
e que de um a um virá leva-los entre vinhos e chapéus
até a desconhecida terra dos sonhos de cada um.

Algum lugar

E o vento da noite
Mais escuro, mais triste
Sobrepõe ao da névoa
O inverno do inverno.

Caminhos de Petrignano di Assisi
Janeiro de 1992

Escritos aos rios Ádige e Isarco

Silencioso desce o Ádige

Silencioso desce o Ádige
e a cor esmeralda de suas águas
apenas esconde os gelos de que é feita.
Sobre o frio não voa ave alguma
e mais alto um avião rumo a Verona
deixa no ar um caminho
por onde viaja um deus.
Rio de pedra que a pé se atravessa
sem molhar o peito, e nas pedras
alguns pássaros espreitam peixes.
Mas não cantam e apenas o silêncio
rumoreja algumas palavras em Vêneto,
uma língua antiga e silenciada
envolta em lãs e saias de velhas.
Há, com o frio, a paz dos invernos
nesta terra onde da cor do sangue
foram um dia as cores deste rio.

E, no entanto

Como o Ádige descendo dos Alpes
em busca do Sul e contra o trem
em que viajo de Trento até Brenero,
em direção oposta viajamos, velho rio.
E, entanto, sei que algo de mim
salta do trem e água, como o Ádige
salta do trem e viaja rumo ao Sul.

O trem, o rio

Sabe o trem que Norte acima
o melhor caminho é sempre
ao lado de um rio.
E o Ádige, mestre das águas
ensina ao trem por onde subir aos Alpes
entre voo de aves, vilas, vinhedos
e roupas deixadas a secar.

O Isarco

Uma outra vez o Isarco me encontra
e como se o Jordão, eu deveria descer do trem
e ali me batizar e chamar "Carlos"
ao homem que do rio renasceria
ao sair do gelo de suas águas.
Outra vez vejo de longe
o seu desenho de descer dos montes.
Como um rio e um homem devem se saudar?
Basta a um rio seguir seu rumo, o seu fluir,
e cabe a mim molhar as mãos e o rosto
nas águas que passam entre montes
e antes que eu morra chegarão até o mar.

Ala e o rio

Se alça Ala
por ver o rio.
Por isso a igreja
tem torre alta.
Por isso as casas
sobem nos montes
e escalam neves
por ver do alto
o rio Isarco.

Se alça Ala
a ver o rio
quando ele passa
ao lado de Ala.
E o rio que passa
vindo dos Alpes
em fundos vales
alteia em Ala
o voo lento
de seu passar.
Lento e ligeiro
o rio soletra
ligeiro e lento
terço e rosário
de peregrino.
Rio de veludo,
verde-azulado
desce o Isarco
como um romeiro
antes de Roma
tão longe, ao sul.

Num tempo antes,
verdes pinheiros
brancas as neves,
entre outras eras
de um tempo quando
de Ala ao vale
Nada não havia.
Cidade alpina
vila de estrada
agora em Ala
a vila se alça
a ver o Isarco.
Até quando, Ala?
Até quando, Isarco?
E quantas vezes
de quantos dias
e em quantos anos
de outras línguas
Terá por aqui
passado o Isarco?
Terá viajado
sem esse nome:
Isarco, o rio,
por outras vilas
sem o nome: Ala?

Aqui onde hoje
Ala se alça
por ver o Isarco.
E quem hoje passa
e longe vê Ala
e olha o Isarco
aprende e sente
que o Rio e Ala
têm olhos
e se olham,
têm alma
e se amam.

Descendo de Brênero a Bolzano
Dia 19 de outubro de 2006

Entre o Brasil e Bassano del Grappa

E tudo agora é como antes

Não era ainda a hora de.
Alguns flores de março são botões
e são larva entre folhas verdes
o que adiante serão borboletas
que um dia, antes das chuvas
em que chega junho com o verão
com as suas asas de vento e seda
entre flores e flores voarão.

Não era a hora e tudo é a espera
e a espera é a sobra do instante
e o que não foi feito é o que se fez.
Tudo parece imóvel como a onda
que não sabe que se finda quando chega à praia
e o que resta dela volta ao mar.
Mas é isto! E o que sobra de uma onda
é o que faz a outra onda e outra ainda
e é o que havendo entre uma onda e outra
é o próprio mar.

Campinas/Bassano del Grappa – no voo

Diante do Aconcagua

Os óculos escuros escondem os olhos
e, verdes, como no chão a relva rala
eles se voltam à máquina e dão as costas ao Aconcagua.
E o frio, e o vento e o desmazelo dos cabelos
que esvoaçam e o sol dos Andes doura cor de ouro.

No entanto sou eu.
Minha camisa velha atesta:
"é ele quem está aqui, e foi embora!"
Sonhador de montanhas nunca havidas
as pernas trôpegas não escalam mais
e só o ardor da lembrança é a aventura.
Calçados de bota e desalento
os passos lentos desenham pelo chão de areia
um mapa de lugar nenhum que o vento apaga.
E a memória, como um rio, esquece e guarda
tudo o que se move foi, e passa... e dura agora.

Campinas/Bassano del Grappa
Lembrança de um dia no Parque Nacional del Aconcagua
Entre o Chile e a Argentina

Agora aqui acabam as escolhas

Por um instante pra na trilha. Para.
E antes de entrar floresta adentro
aprende que o sol claro da manhã de outono
será ralo agora no chão de sombras.
Por aí entras como quem sabe
Em que estranha paragem se mergulha.
Pisas a terra, folhas secas e gravetos
E quando em abril, algumas flores de paineira
caídas do alto antes das painas brancas.
Para quem vem de um campo aberto
a floresta seja como a catedral.
Tira o chapéu, pisa leve e a passo lento
pois aqui se acabam as escolhas.
Como na nave tens uma trilha só
e fora dela o que te espera. Sabes?
E entanto, que caminhes, navegante
como quem, sem saber onde é o porto
escolhe um rumo, e vai.

Campinas/Bassano del Grappa

A mata, a trilha

Um graveto, alguns seixos,
folhas secas de junho
e no alto um ninho. De que pássaro?
Um Sabiá? Uma Saíra?
Este é o caminho, perguntas ao vento
e à volta olhas como quem indaga o rumo
a paus e a pedras e não, no alto, às estrelas.
A noite cai e temes o silêncio
e o Cruzeiro do Sul a nuvem cobre
mas não o canto do Urutau à Lua.
Temes a noite e o vento sentes
passando a mão no pó do rosto.
Ele te roça antes de mover moinhos.
A noite chega. Parte! É cedo ainda.
E, Quixote sem Sancho, vais sozinho.

Bassano del Grappa

Na margem esquerda do São Francisco

Apenas rotas, duas cruzes de madeira
tortas, e que uma outra enchente há de levar
dizem a quem chega a estas margens
de um rio agora calma em julho e quase azul
que aqui há mortos, barranqueiros.

Não há lápides, degraus de cimento ou nomes
e os que lembram os daqui também se foram.
E agora, quem passa por aqui
a caminho do rio, da canoa ou da ilha
Lembra os nomes de árvores, de barcos, de destinos
E pisa um chão aonde um morto dorme.

Vôo São Paulo/Amsterdam/Veneza
e depois, Bassano del Grappa
Lembranças de Barra do Pacuí

O vento, a casa

Primeiro passou em tua casa
Este vento que agora vai e varre
a lombada do morro e o capim gordura.
Florido em março ele balança, e a dança
do vento abençoa o que embala
bailarino entre a noite e esta manhã
De tua casa o vento trouxe aqui
um certo odor de café, de menta ,de hortelã.
E para um momento, e atento escuta
O passar do vento que te ensina
que como o vento a vida é tudo, menos vã.

Bassano del Grappa

E com sede sonha a tua água

Era ontem. E era como se a fonte
agora seca, ainda jorrasse
a sua água cor de nuvem, cor de prata.
E fresca, como se saindo agora
do coração da terra adormecida.

Seca a fonte deixou entre os teus dedos
esta aragem de maio, arte de ocasos
que o vento seca entre em tua palma aberta.
Pensa agora em quem fecha os olhos
e com sede sonha a tua água,

Vôo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa

Ali, no chão

Pequenina cidade
perdida na noite do sertão.
Que nome tens
que eu não sei.
E aqui do alto
que nome de estrela
eu te daria,
porque és a clara luz
do céu no chão

vôo São Paulo/Amsterdam-Veneza
passando depois de Montes Claros

Como quem sempre adiante busca

Tu que pode sempre dizer
com um gesto da mão: *aqui é a casa.*
No entanto, como quem sempre adiante busca
o inominado, consultas em silêncio
um caramujo com que se ouve o mar
e embora conduzas sete peregrinos
fugitivos como tu da Terra
caminhas como um só
e se olhas os céus, o que buscas
errante, entre as estrelas?

no mesmo vôo/Bassano del Grappa

Nos Ancares

Um bando branco de carneiros
Salpicava no campo a sua neve.
Lã que os homens em setembro colhem
Eles pastam longe do temor do lobo.
Um cão ovelheiro a tudo atento
permite que o pastor flauteie a flauta.
Esta cena tão grega, tão judia
aqui, entre as montanhas dos Ancares.

O mesmo voo, sobrevoando montanhas da Galícia
Que somente poderiam ser Os Ancares

Como em Itatiaia

O amor que te tenho me entristece
e entre triste e sereno te recordo.
E nem no vento que me passou antes
eu relembro em tuas margens
regato que foi meu, a minha infância.
E agora longe um rumor seja tudo
O que de ti restou e vai comigo.
Não sei se do vento ainda, se da alma
Não sei se no chão que piso agora,
estrada que em outro tempo te margeia
o teu passar de águas rumoreja.

Vôo entre São Paulo e Amsterdam
Relendo Salvatore Quasimodo
Bassano del Grappa

Nas serenas coisas

E eu me recolho agora nas serenas coisas
que da estrada não vê quem passa desatento:
o roçar no braço deste vento
o desenho momentâneo dos cabelos
quase uma brisa que balança o mato
serena brisa, mas que vai comigo
e veio antes de mim e me esperava
como quem diz: "daqui seguimos juntos".
E há um certo perfume da manhã
que não é de flor, de rosa alguma
mas que como a mão de um pai distante
e me abraça e é quem me guia agora.
A que odor de coisas rústicas: a terra úmida,
a bosta da vaca, o hálito da horta
evoca como um bafo este instante?
E longe, o rumorejo de um mínimo regato
que daqui não vejo, mas escuto
e ele me canta como quem embala.
E eu não sei mais se a criança ou se um velho
se dão as mãos, se riem e vão embora.
Mas, quem está aqui? Quem veio
e é agora o velho de antes ou a criança?
Pois quem eu seja, come caqui e suja o rosto
Ensaia no chão a cambalhota
e se embala como o vento no balanço.

No mesmo voo, lendo o mesmo livro
e em Bassano del Grappa

Dar, partilhar

Tudo é meu!
À condição de que eu não tenha nada.
Se não levo comigo baú algum
ou deva juntar em uma mala
os trastes que me pesam do que tenho
e não uso, e não são meus portanto.
Se nada tenho e comigo levo nada
terei livres as mãos, os braços soltos
de quem caminha sem o peso da posse
e senhor de coisa alguma é pastor do sol,
do rebanho do vento na montanha
do cantar dos pássaros, do florir da malva
do olhar do outro, meu próximo, meu irmão.
E se aponto para ele o céu à noite
ele me diz: s*ão nossas todas as estrelas*
porque não são tuas e nem de ninguém.

Samaritanos somos um do outro
e nos curamos da dor, do sofrimento.
E, livre como eu, ele me obriga ao amor
e do amor à dádiva, e entre nós trocamos
o que somos e o que não temos.
Abro o alforje, a bolsa, a alma
e na estrada compartimos o pão e o vinho,
e um gole d'água e mais três canções
e o som do silêncio e o do olhar.
E há uma palavra que ele me diz
e em minha língua eu não entendo.
E ele sorri e e eu, e nos falamos
entre gestos com que os homens se abraçam
e comungam o sonho de se encontrar
no espelho do olhar de um outro.

Depois seguimos cada um o seu caminho.
Sozinhos não estamos mais agora.
Pois caminhando cada um em sua estrada
o ser o outro caminha ao nosso lado.

Bassano del Grappa

Poemas em companhia de Salvatore Quasimodo em viagem a Trento em dezembro de 2015

Sobre o poema "e de repente é noite"

Resta desta manhã
nascida em maio
o que aí está, como um vestígio:
o teu corpo sob este céu da Itália
e o próprio céu que tudo veste.
Volta a eles o teu rosto
E deixa que a luz te banhe
até quando se apague, como um sono.
Depois fecha os olhos. Fecha.
E de repente é noite.

algum dia, acho que em 1999

Do poema "Ilha"

O amor que te tenho me entristece
e entre triste e aceso eu te recordo.
E nem um vento que passou antes
eu sinto agora em tuas margens.
Regato que foi meu em minha infância
(como a flor que se abre em sua palma,
como a ave que adormece no seu ninho)
e agora lenta e breve rumoreja
não sei mais se no rio de minha alma
ou se no chão de gelo em que eu caminho.

Do poema "água parada"

Água estanque, sono dos charcos.
Em sulcos secretas teus venenos.
Ora és branca, ora verde, e no vão
entre a borda e o fundo de teu ventre
de longe pareces o meu coração.
E, como ele, passas em tua viagem
e outra vez lavas com as mãos
as pedras que há no chão.

Do poema: "curva-se o dia"

Estou deserto, Senhor
e hoje é o teu dia.
E chega a luz do dia
a mim, de toda a luz cerrado.

Do poema "refúgio de aves noturnas"

Em cima, entre as neves e as aves
Um pinheiro de todos o mais torto
verde e atento escuta o abismo
com o seu tronco curvo como a arma
que acaba de matar um morto.

A menina

No cemitério da igreja em Brenero
há entre outros o túmulo de uma menina
que nasceu e morreu num dia só.
Nascida num dia e no outro morta
aquela foi toda a vida
de uma menina dos Alpes.
Um dia. Um dia! Um dia de idade.
Um só dia... ou a eternidade?

E veio antes de mim

E eu me recebo agora
entre as serenas coisas
que da estrada não vê quem passa desatento,
quase uma brisa, mas que vai comigo
e veio antes de mim não de que alto monte
e por um momento me quis, como a um filho.
E eu viajo e ela passa por mim. Passa e vai,
mas a mão de um pai é quem me afaga agora.

O rumorejo de um mínimo regato
que daqui não vejo, mas escuto,
e ele me canta como quem embala
não sei mais se um velho ou se um menino,
e, quieto teme quebrar não sei que encanto.
Pois quem está aqui? Quem aqui veio:
o menino de agora? o velho de antes
que comia caqui com as mãos em concha
e se dava ao vento no voo de um balanço?

A minha casa é sempre

Peregrino, passo por aqui
e sei que aqui é agora a minha casa.
E minha casa é sempre
um lugar longe de onde estive acaso.
Bato à porta e ela se abre
e atravesso só a sala e a casa
e subo e desço a mesma escada,
e quando paro e penso: "aqui estou"
"aqui" é o começo de outra estrada.

E era dezembro

E era dezembro e a lua que passava
depois da tempestade longa e finda
era como nas mãos da mãe um lenço branco
não sei se de adeus ou de alegria.
Nenhum pássaro cantava (era dezembro)
mas sob a neve a semente velava a sua vida.
E com o vento a noite que passava
silenciava a sua sonora melodia.

De longe, severas

Levanta sobre os ombros
a gola do casaco puído,
o frio te encolhe
e olhas as montanhas
como um intruso.
De longe, severas
e de pedra impassíveis
elas apenas se dão
à luz de um outro dia
serenas e alheias
ao teu ansioso olhar.
O que buscas aqui
viajante do Sul
que já não estava
em ti quando partistes?

Como a vela que a velha acende

E eu não quero de nada ser a estrela.
Aqui me basta ser no chão a água
que reflete a luz da lua em março.
A luz, se me vem, que a viva luz
como na noite escura um vaga-lume.
Como a vela que a velha acende e ora
a um deus que de longe escuta e chora.

Em Roma

Maria Alice

São azuis os seus olhos.
Os meus, verdes, como o mar
de onde venho.
De qual céu és?
De qual estranha Terra
de mulheres e de homens cor de terra?
E és clara.
És como do sol um breve brilho.
Não do ouro,
mas da cor da flor do Ipê.
Assim tu és.

Ali, no Norte

Acima de Cuiabá, milhas acima
viajando entre Capricórnio e o Equador
onde eram antes as araras e os tracajás
e as florestas eram como um sem-fim
e os homens originários de pele cor da terra
pescavam peixes com timbó
e as mulheres pintavam os corpos com urucu.
Ali onde em janeiro os céus devotam
cataratas de águas das chuvas do verão
desenham lagos e brejos, charcos de água doce
onde jacarés na noite espreitam pacus e piaparas,
agora, o que do alto se vê são iguais círculos
e retângulos de uma precisa
e devoradora geometria da morte,
como crateras desenhadas a compasso no chão da terra.
Espaços sem fim de um chão deserdado
onde sequer uma arara alça voo
e de onde as onças e os homens
fugiram por iguais caminhos sem rumo e sem destino.

o voo rumo ao Norte

No céu, sobre a Itália

Do alto a janela mostra as luzes
das terras da Itália.
Mas aqui também, entre Roma e os Alpes
o mundo é largo e a terra dos homens
são pequenas ilhas na cor da escuridão.
Ah! Os homens, eles apenas se amontoam
em pequeninas ilhas entre milhas de terras
onde alguns homens, como os do passado
semeiam o trigo, o milho e a vinha.
E o vazio não é morto. Ele é a vida
de uma vida antes de nós.
E ela nos lembra que outras vidas
merecem semear a vida no corpo
do que nós chamamos de "vazio".

O outro

Como se, na esquina de mim mesmo
fosse eu um outro que me esquece.
E o espelho do Lago di Como reflete a face
Que me vê e, estranha, e fecha os olhos.

Com sua luz de vela e de luar

Que a noite do Norte venha
sobre este mar sem horizontes,
e desde este alto voo seja
como um mar sobre um outro mar.
E que um mar ao outro ilumine
com a luz pálida de vela do luar.
Do alto, Sirius de um mar se veja
espelhada no espelho do outro mar.
E espelho seja um do outro.
Espelho em que um no outro se perca
e se encontre ao se tocar.

No voo de São Paulo para Roma, sobre o mar
Madrugada de 2 de dezembro

Camponês, caminhante

O que lamentas taciturno caminhante?
Os pés recheados de pó, e a noite cai
e não há fogueira acesa que te acolha.
De onde eras te fizeram sair como um fugitivo
que pela porta dos fundos se vai na madrugada.
Nas costas a trouxa de teus restos: um pão de sábado,
uma camisa rota, um lenço sujo do suor de ontem
e mais que sobras dos anos de trabalho?

O milho que semeastes em dezembro
Ainda tenro e verde moem e dão aos bois.
A fome te segue adiante. E és um homem!
E caminhas sem casa e sem destino.
Tu, semeador da vida... para onde vais?

Indo de Trento para Brenero
5 de dezembro

Morreram alguns antes do tempo

E eram, como outros, camponeses.
As mãos grosseiras e entre calos.
E jogam trucam e no chão cospem
falando de cavalos e de milho.
Alguns se gabam de oito filhos
e outros das mulheres que perderam.
Bebem na concha das mãos a água fria
e mais fria era comida que comiam
sob o olhar das aves à espera de migalhas
enquanto por um momento, entre a manhã e a tarde
as enxadas repousam da faina do lavrar.
Morreram alguns antes do tempo
em nome da terra pela qual lutaram
e agora em palmo lhes cobre o corpo e o nome.

Sobre "Dala rete dell'oro"

Dala rete dell'oro pendono ragni repugnante

Não é com armadilhas
de esperteza
que a aranha prende
a mosca.
È com a beleza.

Da janela 40A no avião

Descubro que agora
na volta para a casa
ganhei uma janela livre
e aberta à noite e ao céu.
Quando todos estiverem
dormindo neste voo
silenciosamente irei
como em uma prece
perguntar uma a uma às estrela
o nome grego que ainda têm.
Escura é a noite, escura.
Mas a pequena luz
de um barco errante
haverá de me iluminar
a noite e a vida.

Saindo de Roma no dia 7 de dezembro de 2015
na janela 40ª

Espanha

Córdoba, distante

Córdoba distante e só
na boca do cobre o gosto
um cheiro de sal e mofo.
Um astrolábio quebrado
e a noite vem: quente e rota.
Um toureiro chora e sonha
terra branda, lua clara
e um touro de sete vidas.

Perdi uma rosa-dos-ventos
e ainda que ajudem ciganos
das cavernas de Granada
nunca eu chegarei a Córdoba.
Nem prece à virgem morena
e a São Gabriel, o da ponte
e nem vela, manto vinho
em nome de minhas penas
nunca chegarei a Córdoba
a de rosto e casas brancas
onde moças e homens de lenda
fogem da praça e da igreja
e entre os campos de julho
colhem amor e açucenas.

Córdoba, em 1985
Lendo o Romancero Gitano

O trem de Oviedo

Pelo trilho viaja com passo de andarilho
este trem cantor de um moteto antigo
(cantiga de ninar, canção de amigo)
este trem que borda a Estremadura
quando desce das facas das Astúrias
ao chão de sal que tempera Andaluzia.
Navio da noite navegando mares
desertos, vilas, serras e olivares
entre compassos de romance e romaria
e fumaças cor de saias de viúvas.
Contraponto que o trem tira dos trilhos
como cantos de fumos entre o som e a dança:
fumaças, figuras efêmeras de duendes
seres saídos do fogo e do silêncio.
O que no trem há de oculto e feiticeiro
de eteno e, por isto, de breve e passageiro.

Entre Oviedo e Madrid, no verão de 1985

Ávila

Não é porque esta tarde traga
Algo do inesperado canto de um passarinho
E nem porque no ar, além janelas
Haja um último calor antes do outono.
E nem porque, vindo do anil do céu
Haja em volta dos pinheiros aquela aura
De quando já é inverno, e já dezembro
E a saudade de Deus esquece o sono
E nem porque em Ávila haja muralhas
Frágeis demais para os ataques da alma ou do vento
E em estórias de fadas ou de meigas
Nessa hora do dia nem se pensa.
É só porque o corpo viaja manso
E esquece os seus pesares, e sonolento
Lembra de si mesmo em outro tempo.
É porque ele sonha, e ele sonha
É com os olhos abertos, bem atentos.
E eu me assusto de mim. Existo?
Penso? Não sei, sei que viajo
E volto à casa, e peregrino
A casa é qualquer canto onde eu me sento.
Um ciclo do ano cessa todo o dia
E o fim do ano foi ontem e é hoje ainda,
Dia dezessete de setembro
Cinco antes do Equinócio e do soluço
Com que as águas se despedem do verão.

No trem, entre Madrid e Burgos
17 de setembro de 1994

No trem, até Burgos

Não é porque esta tarde traga
Algo do inesperado canto de um passarinho
E nem porque no ar, além janelas
Haja um último calor antes do outono.
E nem porque, vindo do anil do céu
Haja em volta dos pinheiros aquela aura
De quando já é inverno, e já dezembro
E a saudade de Deus esquece o sono
E nem porque em Ávila haja muralhas
Frágeis demais para os ataques da alma ou do vento
E em estórias de fadas ou de meigas
Nessa hora do dia nem se pensa.
É só porque o corpo viaja manso
E esquece os seus pesares, e sonolento
Lembra de si mesmo em outro tempo.
É porque ele sonha, e ele sonha
É com os olhos abertos, bem atentos.
E eu me assusto de mim. Existo?
Penso? Não sei, sei que viajo
E volto à casa, e peregrino
A casa é qualquer canto onde eu me sento.
Um ciclo do ano cessa todo o dia
E o fim do ano foi ontem e é hoje ainda,
Dia dezessete de setembro
Cinco antes do Equinócio e do soluço
Com que as águas se despedem do verão.

no trem, entre Madrid e Burgos

17 de setembro de 1994

Ovelhas no caminho

Como o gado nos sertões de minha terra
vi no fio da estrada um rebanho de ovelhas
em um caminho entre sereno e oliveiras
em meio a Córdoba e os campos de Jaén.
Mansos cordeiros e ordeiros seres de evangelho
vagavam de um pasto a outro entre trilhas
e o pastor que os guiava vinha a pé
como Davi, ou um pobre peregrino, um penitente.
Pequena nuvem por um momento errante
que do céu descesse subido aos montes
e em só passar a tudo abençoasse
com água benta, estola e lãs ao vento.

Entre Córdoba e Jaen, na Andaluzia
8 de julho

Montes de fogo

A nuvem branca
saia de noiva
lenço de mãe
era a figura fêmea
abraçando do vulcão.
Ele, perene como a pedra.
Ela, fugaz como a paixão.

Entre Leon e Granada no trem
em 1987

Entre Oviedo e El Ferrol, na Galícia

Santa Maria

Com mantos de névoa
Santa Maria
De noite se veste
E se revestia.
Amante de viagem
o rio passava
o rio olhava
e o rio corria.

Veca

Veca na tarde de branco vestida
Onde estão os montes das Astúrias
Que a névoa da tarde escondia?

Soto de Límia

Antes de Soto de Límia
no corpo da chuva fina
no meio da lama escura
corre um riachinho de águas claras
E de uma fluente alma branca.

Návia

Návia, noiva
Entre branco e cinza
Sem flor e sem nada
Sem véu e grinalda
Chovendo sua chuva
Na beira da estrada.

No trem, rumo à Galícia
Março de 1989

Andar Espanha

Caminhos de andar Espanha
descendo do verde ao sal.
Do mar que em Cantábria canta
ao mar que em Málaga cala
e entre prantos se abraça
com ciganos e olivares.

Viajar Espanha. Ah, noite!
quem te fez tão clara agora
se a Lua mal acende
seu fogo de meio fósforo
atrás de Oviedo e chora
por uma princesa moura
morta de noite, dormindo?

De Oviedo a Madrid
1985

Andar em Espanha II

É noite e um coral de grilos canta.
Há um odor de bronze e de sertão
de Rosa, de Cervantes e Quixote.
De Joaquin Rodrigo nem canto e nem guitarra
e de um céu de nuvens não sei se há sol ou chove.
E caminhando rumo ao Sul... de onde?
não o que faço agora do sapato, do rosário
e das preces que me calam o coração.

Córdoba em 1985

Alcazar de San Juan

Como a ave voando, como ave,
um homem feio, azul e quase nu,
como ave voando, no entanto.
Nas duas mãos juntas como em prece
um ramalhete de seivas e de cores
oferta mel e paz a quem de longe
chega pra ver e de perto se comove.

São Francisco num salto de trapézio
vestido de santo e de loucura
voa pelo ar, voa e oferta flores
às cinco horas em Lorca. E anoitece.
Pintado num muro como em circo ele voa
na estação de Alcazar de San Juan.
Saltimbanco do afeto, senhor do riso
como quem disse a prece e diz "amem",
do trapézio ele salta como um santo
e oferta flores a todos e a ninguém.

Lavradores Andaluzes

Andaluces de Jaen
Azeituneros altivos.

Antonio Machado

Esta terra fêmea e cigana
se oferta vaga e avarenta
a quem com ferros fere a sua pele:
homens, amantes, mudos, matutinos
severos seres armados de silêncio e foice
e os bolsos cheios de prece e de sementes,

Ela obriga a conviver com a pedra
a cavarem valas entre vales
e a multiplicar três regos e seis veios
por onde ao suor bom da mãe-terra
escorra o frescor de um fio de vida.

Mais noves meses mais tarde, todo ano
ela oferta depois tapetes de ouro em pó
entre girassóis, alfafa e trigo mouro
e desenha a floração dos olivais.
E às cabras brancas e às ovelhas
ela oferece, meio ano a cada ano,
campos verdes de capim e paz.

Entre Córdoba e Jaen
1985 – no verão

O pastor

De David, o da funda
ouvi entre pastores isto que conto
e é sábio revelar enquanto há vida:
dizem que em outubro
comia mel e gafanhotos,
vestia a cor marrom
tocava flautas e sonhava liras
andava à solta sem deus e lei.
E mais feliz que um rei
amava as moças e as ovelhas.

Santiago de Compostela
1992

Aqueles que sombrios andavam

Pois neste dia eu os tinha
como a hera, agarrados ao corpo.
Eram a nau e um pensamento meu
nuvem fugaz e ferina. O impensado
pronunciava palavras gastas em língua Vasca
que ao não serem sabidas, possuíam poder
e eu imagina assim exorcizá-los.

Inútil o meu vago ofício de adivinho.
E os trazia em mim como um novelo
De que é cerzido o tecido da memória.
Sabia deles como o viajante envelhecido
conhece cada curva de uma estrada
cada pedra do muro de sua casa
e cada marca do tempo de onde vem.

Como viajar pois da vigília ao sono
sem que a força de suas faces de faca
não pudesse tocar a minha carne?
Caminhando só entre os becos da Espanha
era como se, escuro, um rio em mim viajasse.
Sabia que eles me seguiam e o fogo da espreita
Era, sem regras combinadas, o que seguimos.
Pois somos a mesma matilha de errantes.
peregrinos de uma terra sempre a leste
que à noite perguntam: "onde dormir?"
Aqueles que sombrios pela noite caminhavam
Afiados uns nos outros. No seu fio.

Santillana del Mar

30 de julho

Maremar

Mar. Ó mar ancestral.
Nominador de rochas e certezas.
o que não é limitado e, entanto,
desafia a coragem do construtor de naus
e a sabedoria de algum velho navegante.

Mar. A presença de tua paz na manhã de julho
quando entre nós e mais ninguém aqui
estabelecemos a cumplicidade que entre eles
fazem apenas os deserdados e os amantes.
Águas frias do verão da Cantábria.
Misterioso ser cuja música enaltece
a honra do morto e a morte sem nome.

Mar ancestral, não me ameaces com a lembrança da lenda
nunca decifrada de teus abismos interiores
e nem com a tua vocação de abrigar sem retorno
os que te fazem perguntas e decifram o tem corpo.

Quanto a mim, irmão do eterno,
toco com a ponta dos dedos as tuas águas
e molho os lábios, a nuca e a testa
como quem pede a um deus a benção.
E antes de habitar o reino de tuas algas digo:
"somos da mesma matéria tu e eu.
Recebe-me!"

Na Cantábria, diante do mar
Recordando Luiz Lach

Maimônides

Nunca mais será em mim o mesmo,
Maimônides, o sefardita.
que eu nunca li e de quem não sei
o endereço de sua casa de morto,
porque o vi, imagem escura de bronze
numa praça de Córdoba, na Espanha.
Era quando eu procurava sombras
e o encontrei como quem espera.

Como poderia um homem assim tão grave
com um rosto a quem Deus visita,
haver escrito o que não fosse acaso
toda verdade não sabida de seu tempo?
E como pode, o que ele disse
ser acaso hoje menos verdadeiro,
se o bronze de seu duro rosto de judeu
resiste agora ao tempo e ao vento?

Em Córdoba
para Mônica, judia em Buenos Aires.

Gonçalo, o santo

Aqui São Gonçalo é um bispo.
Austero homem de mitra e báculo.
E ele jaz de alma e túnica
num túmulo de pedra.
A mão sobre o peito é escura
de tanto outras mãos roçarem
piedosas, à espera de um milagre,
de um sorriso, de uma palavra.
O santo dorme e sonha.
e chora de saudade da viola.

Amarante, em Portugal
Pretos de Baixo, Bairro dos Pretos
Joanópolis, no Brasil

Valença do Minho

Não perguntes aos astros o destino.
Não voltes o anseio do olhar aos céus
e nem espere de Aquário uma resposta.
Se há segredos entre as pedras e a alma
a lenta corrente azul do Minho te dirá.
Pergunta às águas vindas da Espanha
sobre os segredos dos sonhos de anteontem,
sobre o que depois da curva, o rio e a vida
espreitam em outro outono para ti.

Observa depois o cair das folhas secas
do olmo, da faia e do loureiro.
Também por um breve instante
elas desenham no chão astros e anseios.
Olha no chão a marca dos teus passos.
Ali sim, está escrito o teu destino.

Pretos de Baixo
15 de fevereiro, 1993

Tui, na Galícia

um

Não tenho de mim mesmo nem a mala.
Se fui dono de um cavalo já faz tempo
e esqueço a última vez em que entre os dedos
machuquei passas de uvas e comi torresmos.
Recomeço e estou pouco menos do que nu.
A aragem da noite é quem me cobre
e sou tão pobre que até nos sonos
vou por aí, só e de mãos vazias.
No entanto um temporal arrancou
do rancho de taipas o meu telhado
e eu ganhei um céu todo estrelado*.

** As duas últimas estrofes estavam escritas em um muro em São Paulo*

Pretos de Baixo
15 de fevereiro de 1993

Em Tui, na Galícia
dois

Não tenho de meu nem terço e nem memória.
Não sei cantar como Orfeu, por isso conto.
Do que fui ao dia esqueço à noite
e me faz falta um amigo, o vinho e um fogo aceso.
Se de um cavalo fui dono, faz tempo agora.
Monto hoje em meus passos e recomeço a pé
peregrino e guerreiro e saltimbanco.
Pouco menos do que, me cubro de aragens
e é o vento e sua volta quem me cobre
esse corpo de monge e pecador.
De nada queixo e das preces que sabia
lembro de duas e penso que isso basta.
Sou tão pobre do que fui que mesmo em sonhos
vou por aí e vou só, de mãos vazias.

Pretos de Baixo
Fevereiro de 1993

Meninos entre fenos nos campos

Qual a estranha memória dos espantos:
os cacos da fala, o sotaque das avós,
que os gestos de cachorros e meninos
não conseguem mais soletrar quando é agora?
Quais os segredos dos nomes sem idade,
os que se perdem quando a livro esquece
os ruídos dos sons do mistério antes da voz
e aprende sem pudor o ofício das palavras
Pois fora o dicionário dos velhos e dementes
não há mais por aqui que ainda saiba soletrar
sílabas que juntas não têm sentido algum
e habitam por isso a casa do afeto, seu fogo
de lenha acesa e o odor do bálsamo pela sala.
Palavras que com a ponta dos dedos traçam
os fonemas ditos quando alguém nasce de noite
e ainda sem nome chora e chama deus e a mãe.
falas, como um mapa escondendo os ouros da aldeia.
Caminhos por passava em outros tempos um só
e de porta em porta ia murmurando um canto
com as rimas que numa noite em junho mãos brancas
de idade e farinha branca faziam nos fogões
um crepúsculo de fogos de cozinha.

Bilbao
1985

No caminho

Não quero chorar a morte do que seja isto. O pequeno animal de penas desistiu do voo e pousou a sua sombra de outono sobre um canto do caminho dos outros. E ali ficou enfim imóvel e, entanto, sonhava um outro voo, quem saberia? O olhar de vidro tinto atrás das pupilas mínimas já não espia mais os grilos do campo, e a floresta que havia dentro dele silenciou como se a neve viesse antes dos frios de março. De vagar chegarão as formigas e a noite. E depois o seu pequenino corpo será um breve impulso de vida em um verde e escondido pé de silva encostado a um muro.

No caminho
dois

grão de chuva e seu pólen. Uma folha caída, um sobrar de outono, pois dele sobra o que existe agora. E há horas, como agora, em que tudo alimenta a alma. E se ela caminha como quem veste o corpo, é porque antes ouviu a sombra do silêncio desta tarde.

Caminhos de Santiago

de Ponferrada a Villafranca Del Bierzo

Caminhava entre uvas e sonhava
um lugar ao redor do fogo e o vinho.
O que dizer à vinha que não seja a oração?
Orar com ela a espera do mel mais doce
e o sol do coração da terra.
Mas as folhas verdes em silêncio respondem:
houve um tempo – é preciso contar –
quando entre os homens reinava uma outra palavra.
Quando dita em jejum antes do amanhecer
um sinal da folha ao vento
anunciava o tempo da vindima.

do Cebreiro a Triacastela

Quando eu passava alguns homens curvados
sobre espigas de trigo me viram
e entre eles disseram:
este não semeia, erra pelo mundo
enão colhe, caminha e passa.
É como o vento e, nós, como a terra.
Conhecem os segredos da aragem
os que assim falam, mas não todos os mistérios,
pois ao caminhar entre trilhas de entre montes
eu ia dizendo uma oração a um deus fecundo.
Amassava entre os dedos uma flor amarela
e era abril, e era o tempo do centeio.
E eu dizia a Deus: *que as favas cresçam.*
Que brotem as batatas e as castanhas.
É um tempo de abril, e haverás de ver
as favas pendoadas de grãos
e as flores do carvalho e as silvas.
Pois do que deixastes por fazer
os homens semeiam e depois colhem.

Chegando em Samos, a abadia

Íamos por um caminho.
Não havia porque temer a noite. Uma clara,
uma límpida lua cheia estava prometida
no calendário dos meses que trazias no bolso.
Íamos por um caminho e era outubro
e alguns pássaros voavam instantes sobre nós
e do alto do voo davam às nossas sombras lentas
um certo ar de dança, como a festa ontem,
ou como a pressa que não tínhamos, ou como o triste,
porque é tristonho tudo o que, desejado, passa.
Íamos por um caminho e devagar andávamos.
Tinhas – e eu lembro bem agora –
algumas perguntas guardadas desde maio.
Mas ali, naquela hora não falavas nada. E sabias
quase à noite, que naquela hora entre a tarde
e a morte, tudo o que havia obrigava ao silêncio
e de dentro dele alguns oravam a sua prece
e, caminhando juntos, apenas de alguns lábios
era possível ver um tênue, um quase inaudível
movimento.
Que um deus ouvisse ou não
não importava: íamos pelo caminho a algum lugar.
Íamos como quem chegou e volta, e era cedo ainda.
Íamos a um monte, a um mosteiro,
e mesmo quem não dizia nada, orava.

Meu copo nu

Estou só e estou nu
diante desta mesa
no quarto andar
de uma casa de estranhos
na Rua do Preguntório, 34
a quatro quadras da Catedral
em Santiago de Compostela.
Uma mesa, uma casa de trezentos anos
e o silêncio de uma tarde abandonada
ao voo das gaivotas do Mar do Norte
não são o lugar de um corpo nu
de um estrangeiro vindo de uma terra
de palmeiras e riachos de água quente.
Mas é tarde e eu estou nu e só
diante da torre da Catedral de Santiago
e na frente de uma folha de papel em branco.

Algum dia de 1996
Santiago de Compostela

O farol

Dizia lá do alto aquele a quem chamam: o que ilumina a noite. Pensam os quem viajam nesses mares e de longe avistam as luzes que acendo ao sol posto, com as suas mãos e as naus batidas de vento e sal. "Eis onde vive o homem da luz sempre longe e que de longe anuncia o perigo". E, frágil e passageira, brilha sobre eles uma breve fração de meus fogos. E de longe sei que reluz sobre eles e sob o mar e um deus a minha luz na escuridão de suas noites de inverno. A minha luz efêmera fogueira de meninos em noites de festas em julho. Frágil, sei, mas por um momento a quem me a vê, mais clara do que qualquer estrela, essa luz que como um rito todas as tardes acendo às seis horas, com o gesto sempre igual de que não sabe mais a quem serve, mas segue clareando a noite. Ali passam eles, ao largo dos rochedos que a minha luz denuncia, argonautas cujos rostos apenas de longe vislumbro de minha janela, e de que não me lembro sequer de um aceno, algum dia. Apenas clareio o corpo da noite e do alto da gávea de meu rochedo, indicando o escolho, aponto a escolha.

"Eis que todos os rumos vos são possíveis. Todos menos este". "Viageiros estranhos a procura de um porto sempre a oeste, ouvi-me: todos os quadrantes são vossos e todos os caminhos que o mar traça e depois apaga, e mais que o meu, o vosso horizonte é sempre infindo. Mas descei um dia aqui em meu farol. Vinde por um momento e eu mostrarei com a alma na ponta de meus dedos os mapas que amarelam a parede de minha casa quando eu era, como voz, um marinheiro. E os mundos que agora, quando já não mais viajo em barcos e nem estendo velas ao vento, conheço sem nunca precisar ter ido além de onde vejo a vastidão do mar do alto de meu luzeiro. Quem vos contou que todas as tardes subo estas escadas e acendo luzes para que possais enxergar o mistério e a morte? Do alto de meu rochedo, só, como a sombra, o que eu clareio é a noite ancestral. Eu, como uma estrela mais clara do que Sirius. Seria a noite de vossa viagem possível sem o clarão de meu amor?

Foz, litoral da Galícia

Ladainha de Bragança

E não havia um pássaro
e nem em mim ou no rosto
de Fernando Primeiro, o de Bragança.
O castanhal amadurece e é dezembro
sobre os montes e dentro de um castelo
onde uma velha varria folhas secas.
A mão da noite pousou sobre o portão
e, sesmaria, semeava grãos de sono
e era outono ainda. E era em Minas
aqui ou onde? E há sempre um lugar
além de longe e um rio chamado Tua
e um lugar entre serras: Mirandela
onde se vai em um trem que sobe penhas.
E era a casa de alguém e ardia no ar
um lume com o cheiro de castanhas.
Sob o céu de Bragança, e a noite armava
Um cantar de coretos e alma errante.

Por toda a parte é assim e é diverso
e como além, havia ali um ar de astros,
de algarismos, não sei, de prece em terços.
Havia vaticínios e um céu de professores
das ciências do tarô, e uma surpresa
como a rosa na boca de um fuzil.
Havia um nome secreto e era: água
escrito em grego ou aramaico,
e um cesto de amoras e um chão de monges
na ora amena das primas do mosteiro.

E era o silêncio tanto e tão sonoro
como frase esquecida entre uma e outra
ou como um instante antes da chuva.
E faltam só quatro noites para o dia
e sendo a noite outra vez, sonhei com freiras
com a explosão de um cometa, com Antares.
De minha fé eu vivo só o que esqueço:
uma festa antiga, camponesa.
E dos deuses quero vinho, quero velas
quero danças à volta de um carvalho
q a saia longa das moças montanhesas
das vilas que eu vi em Trás-os-Montes.
É noite agora, e sonho com os pesares
faço as contas e decifro o universo?
Se há quem creia que me acenda a vela
e ilumine esta prece começada
dois minutos antes de esquecida.

No trem, entre Tui e Mirandela
1992

Montes em los campos

La fria niebla de los montes
no deja ver a los montes
y el corazon que los mira
sueña sus cumbres de novia.
Sueña su ropa de nieve
entre caminos y sombras
como manteles y sábanas,
mientras el trem viaja vales
que em júlio cuida Cantábria
como guirlandas de viudas.
Como flores em ventanas.

Entre Santander y Oviedo
tarde de 6 de julho de 1985

Outras Europas, outros Nortes

Os poemas de Cambridge
dezembro 1988/março 1989

Mérida
Augusta Emérita

É bom aqui, ao Norte
entre os confins da Estremadura
entrever nas moitas e escombros
do que sobrou de pedra da alma dos homens
na arquitetura do que foi a Espanha
a diferença dos tempos e armaduras.
Ruinas dos tempos de Adriano
à distância do som de um breve grito
e os templos que sobre templos
ergueram em outros anos os cristãos
a seres que foram Dianas e são Marias.
O teatro romano aberto e dado
ao vento, aos lobos e aos pombos
entre igrejas de pedra e porta escura
guardados entre a fé, o medo e o assombro.

Silêncios

Meu coração silenciado
não decifra a língua
da gente desta terra.
E por isso em silêncio
ele cala e sente,
e sofre e espera.

Casa de Penélope

Lua de aquarela e mel transparente
O que é a tua face aqui, no céu do norte?
Irmã de Órion e Aquário, luz assombrada
Mulher vestida de frio e faias da Inglaterra
Quem diria que não és, aqui também
A amiga destes céus de inverno, tristes céus.
Quantas vezes acaso eu não vi nos céus de Minas
Uma igual azul, tão sereno e pesaroso, tão severo?
Não treinei o meu coração a tanto espanto
E por isso olho a noite de tua luz como um missal
E busco nela uma prece ou profecia
Que me diga apenas: é noite ainda, mas espera,
Amanhã é de novo o dia e o Sol virá.

Cambridge
Janeiro de 89

Cemitério de Grantchester

Apenas esquecidas por uma noite de vento
sob a sombra, alguns fios de geada fina
cobriam de um ar de alma o chão de relva.
Recobriam de matéria de gaze branca e de cristal
o cemitério anglicano de Grantchester.
Dois pequenos pássaros pretos entre túmulos de pedra
valiam-se dos bicos amarelos e de cantos de outono
para não serem de todo sombrios no inverno.

Cheguei a tempo de saber que também a neve morre
e, solitária, na agonia lenta da manhã dos gelos
ela se vai sem epitáfio algum.
A meio caminho entre puritanos e católicos romanos
os anglicanos de peruca do povoado de Grantchester
evitam o rosto das imagens dos santos sobre as tumbas.
Mas não os emudecem: escrevem neles frases
de uma piedosa e quase comovente tradição.
Um filho amado partiu de casa e do chá da tarde
aos vinte e três anos de outros tempos,
e nem é tanta dor que abale a fé dos pais.

Como os homens pobres do Brasil, ao Sul
eles precisam crer no incrível
porque agora eles têm a quem encontrar
em uma outra morada, entre salmos, pão e chá
numa esquina do Céu, igual e inglesa
um outro janeiro assim, florido e frio.

15 de janeiro - Grantchester

A visitante

Feita de faunos e gangorras
entre malabarista e saltimbanca
a matéria mineral da noite é a alma.
E se o vitral da Lua Cheia é algo etéreo
(como evitar essa palavra agora?)
é que ela poliu a prata da armadura
no aço do espelho das estrelas.

Há um céu de Itália no horizonte
e entre sóbrio e sensual um céu de fadas
cobre a face dos vagantes e a avenida.
Um imaterial tecido, embora sólido
envolve de plumas o sono do planeta
do recomeço da noite até o espera
do manto azul da noite à noite ainda,
e desta hora de duendes até a aurora.

O desejo da volta

Não existe, amigo, em parte alguma:
aqui, mais longe, num jardim de Londres
na casa velha que foi minha um dia
onde aves azuis havia e eu não sabia
e houve antes um nome delas, esquecido.
Não há, amigo, repito, em parte alguma
sequer o mapa de onde fosse, um pergaminho
e nem o prefácio que me pague o preço
de um vida quase inteira e dessa espera
e o trabalho da memória que me lembre
um caminho entre sete, aqui ou nunca
e me lave os pés e a alma desta mancha
de ser esse. O de um rosto colado na janela
enquanto um trem inglês borda na noite
(no seu rosto de bruma e de degredo)
o meu querer voltar... pra onde? Quando?

na Inglaterra
em um trem, em algum lugar, em 1989

As uvas na neve

As parreiras são aqui crucificadas
limpas do mal da vida, de seu verde
de braços abertos, estiradas ao vento
os corpos nus esperam o mês de maio.
Um manto branco de neblina e de espanto
cobre de luto o rosto ainda escuro da manhã.
A névoa cobre a França de silêncio
e nem o trem quebra esta cena de aquarela
que, entanto, cheira a alfafa e a avelã.

A uva hiberna e o vinho espreita a hora.
Um boi não muge e pasta, e a ave não voa.
Eva não vê nada e Ivo não vem.
Toda a cartilha esquece o que sabia
e o que é de linho sonha ser de lã.
O sol do frio afia a faca e não decide
se acende agora o dia e aquece o mundo
ou se adormece e deixa o norte entregue ao gelo
e prepara os seus fogos pra amanhã.

Beiras de Paris
1989

Baiona

A mulher e os caranguejos
catavam mariscos
entre o frio da manhã
e a maré cheia,
com a pressa de ontem
e a isca dos dedos.

E a alma de Barthes
vagava na praia
como quem passeia
em busca de signos
palavras e símbolos
deixados pela areia.

No trem, entre Paris e Irum
maio 1992

Poemas escritos a lápis
no livro **Obra Poética** *de Yves Bonnefoy*

um

E vê a luz.
Ali ele olha e vê o que se vê

Ali ele vê a luz.
Ali finalmente ele abre os olhos

quando a luz chega e é dia.
Agora é dia.

Na página 31

dois

Sobre as sobras de um céu sem fim
assim caminharemos.
E longe o lugar há de cumprir-se
Como uma destino a viva luz!

Na página 83

três

Assim será.
De uma longa noite virá um grito.
Virá em seguida o canto de uma moça
e o silêncio. Assim será.
Depois virá, como uma nuvem,
uma nuvem e, dentro dela, um rosto
e nos lábios do rosto uma palavra.
Decifra esta palavra e, depois,
escreve.

Na página 148

quatro

adeus, rosto de amanhecer maio.
O azul do céu é brando aqui. É triste
e do alto, indiferente, dói a espada ainda
Na carne da terra que, entanto, está dormindo.

Na página 185
Paráfrase da última quadra do poema: a espuma, o arrecife

cinco

Tudo o que é branco te mancha:
O anel de ouro, o relógio, a blusa de seda,
o sapato caro, o celular e o automóvel.
O anel de ouro profano os teus dedos
a blusa de seda mente a tua origem
pois és de terra e sol e o sangue índio
que escondes é a tua viva verdade.

Na página final, em branco, sem número

Longe

Desceu a noite como um rio do Norte
um lento rio gelado da Galícia
um rio de mansas águas, rio de almas
de vidas de aldeia e o tear de seu tecido
como águas de viagens da vida rio abaixo
onde as cinzas dos mortos salvam os céus.
Rio distante e de águas azuladas
casa de peixes e de deuses, rio de sedas
rio de falas em, sânscrito, rio da Índia.
Govinda viaja moço nessas águas
E voa e voa sobre o corpo azul do rio.
Mais o milagre é Gandhi. Venham, vejam:
Ele mergulha as mãos e tira o sal
Como um dia no mar, um dia antigo
Quando um gesto criou um povo livre.
E o sol viaja a Oeste, barqueiro de Sidarta
e a noite como a virgem vem coberta
de sete véus de sete cores vivas
e estende a cama no leito azul do rio.
Alguém diz três nomes como em prece
e as estrelas da Índia clareiam de novo
o corpo de águas e mortos de saudade.
Monge de abril, o rio abraça a noite
E alguém atiça o fogo e acende a lua.

9 de fevereiro (quando?) (onde?)

Aos que vierem

Quando estes pequenos sinais
(marcas a lápis na margem dos livros)
forem algum dia achados ao acaso
eu terei ido embora daqui.
Virá alguém à biblioteca que foi minha
e abrirá distraído um livro entre tantos.
Ao folhear as páginas, sem pressa,
em alguma folha setenta e quatro
encontrará uma pálida, uma quase apagada
escritura que eu rabisquei um dia.
Talvez nem a note, e será bom.
Ou, então, curioso, fugirá por um instante
do texto impresso em letras de um negro poder
e virá à margem ver os meus rabiscos.
Não saberá decifrar a minha letra ilegível
E nem por isto ficará menos sábio.
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante
talvez pergunte: quem foi? quando?
E pode ser que a alma de meu espírito então responda:
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.

21 de março
onde e quando?

Trens

Um trem corta a Espanha
E outro, e outro ainda.
E há a névoa e há a brisa
Da noite e do norte.
E era a hora de não chegar mais
E um trem corta a Espanha
E outro mais
E outro mais ainda.

Na contra capa interior do mesmo livro
Com a data: 11 de fevereiro de 1992

A lenda

Que essa moça, virgem
E de pele entre o ocre e o açafrão
Não coloque as duas mãos nos seios.
Isto ela faz a cada manhã quando o dia nasce
E é cedo. Não é cedo ainda.
Que à tarde ela não escorra a água dos cabelos
Sem antes ouvir dos velhos que já é tempo.
Quando ela faz assim o sol do dia anoitece
E a noite vem mais cedo, e é cedo ainda.
Que a dança da mãe lhe seja agora proibida
E que ela não pinte de azul a pele escura
E nem na cabeça coloque penas brancas.
Tudo isso apressa a primavera e é cedo agora.
O sete-estrelo e o caçador ainda não se avistam
Ao pôr-do-sol e nem é a lua cheia de outubro.
Por isso, que ela não adoce o pão com mel,
Sinal dado às almas que retornem
A esses rios de águas frias. A essas terras.

Voo Bogotá-México, 7 de outubro de 1999
em uma folha solta dentro de El Bosque Transparente
de Angel Crespo

Paulo

Não há motivos para esta festa de trigais.
Não somos sequer aquela nação de gentes
Acostumadas a títulos e escapulários.
Viemos de longe sim, é bem verdade
E formos notados aqui, como estrangeiros.
Mas não viemos aqui em busca de coisa alguma
Que não caiba no chão da tenda que armamos.
Se nos perguntarem: uma estrela? Diremos: não!
E não somos nem reis e nem magos, nem mesmo sábios.
Ignoramos os sortilégios que trazem chuvas
Trememos de frio quando vem o frio
E não falamos grego e nem armênio.
Sabemos eu há aqui pessoas imponentes
Vestidas de sedas e com nomes como Caifás.
Mas os nomes que temos são, um, Pedro e , outro, Paulo.
E um de nós conviveu com um estranho homem
Que de seis pães fazia muitos
e falava de crianças e sementes.
O outro sou eu que deponho ante este júri
E vi uma certa tarde, a caminho de Damasco uma luz
E resolvi por conta própria
que já era tempo de anunciar estas coisas.
Nunca o vi, a não ser em sonhos,
aquele Galileu, mas como não lembrar
Quem disse isto, tomando vinho:
e verei a Deus face a face.

Deixei de crer em um Senhor dos Exércitos,
Deus não usa fardas.
Sou , como sabeis, um fazedor de tendas
E não anuncio nada, a não ser isto
Entre a fé hebraica de meus pais
e a esperança de um menino:
O amor prevalecerá. O amor, ele.

No aeroporto de Viracopos
28 de novembro de 1999
na última folha de um livro de Wallace Stevens

Poemas e fragmentos escrito em páginas de um livro de poemas de W. H. Auden

primeiro

Haja isto: o certeiro acerto do azar da morte.
O aceitar sem queixas o gesto do inimigo
O temor do estranho do gesto de poder
Quando ele chega e sem dizer o nome
Assenta na mesa e diz a todos: eu vim.

segundo

A tudo a natureza inunda de aves calmas.
Vagarosas no voo como os velhos.
Sábias no que calam como ás vezes as crianças.

terceiro

Já pelo seu outono ele viajou a uma imensa mansidão.
E assim ancorou no porto de sua casa, à volta da
espera/e navegou a sua mão como se fosse um golfo.
E todas as manhãs atravessava mares
indo do quarto ao escritório
Como quem viaja de uma ilha a uma outra, longe.

Há uma indicação na página 85: "Grenoble/Bourdeau
24 de setembro de 1994.

quarto

E o mal cheiro sem tamanho
Machuca a noite de setembro

Chegando de Paris no aeroporto de Salvador
em 30 de setembro de 1994.

Canção de outono – vésperas

Claro,
Você pode comer a carcaça de um coelho
E dizer que não faz isto por gosto,
Mas para deixar vivo um rito de ancestrais
Desaparecidos antes da última glaciação
E cujos rituais de comunhão com a terra
Através do sacrifício de seus bichos
É uma das melhores heranças que eles nos deixaram.
Nós, herdeiros e guardiões da memória
E dos gestos como este, agora:
Beber o vinho com olhos de surpresa
(ninguém bebe vinho sem espanto!)
E comer bocados de carne com batatas.
Mortos os homens, ficam os ritos
E se não subimos mais altas montanhas
Para sacrificar ao deus um filho ou um cabrito
E se nem mesmo mais aos nossos mortos
Levamos vasilha de arroz,
água de cheiro e pétalas de flores,
então que se saiba ao menos isto:
como trocar para celebrações assim a roupa
de plantar margaridas no jardim
vestes de cores claras, para os gestos da mesa?
como acender para os mortos as velas
antes guardadas para os dias santos?

Como trazer em baixelas as carnes partidas
de bichos cujos rosto nunca vimos
e às vezes sequer sabemos do que são
- "isto é carneiro? Não, ah! É coelho!? " –
Hábitos noturnos, segredos dos lábios e dos genes,
maneira simples de fazer o amor
medos da noite, do odor da fera.
Segredos, amigos, impressos no livro da espécie
cujo estranho código jamais decifraremos.
depois limpamos a boca com o guardanapo
e comemos empada e compota de laranja.
O café já não é como antes, mas serve.
E estirados na cama iludimos a vida
com o melhor do sono: o esquecimento

No trem, entre Paris e Bruxelas
18 de setembro de 1994

Três aves sobre o Sena

As luzes do barco dos turistas
clareiam de repente o lenço branco
do voo de três aves sobre o Sena.
Os turistas do barco que navega o rio
olham com espanto e fotografam
os seus rostos e as luzes da Torre Eiffel.
Fazem poses para fotos entre eles e a torre
e festejam o raro estarem ali àquela hora
quando é tão frio e escuro o mês de março.
As aves claras se assustam e volteiam alto
e saem depressa das luzes e da cena.
Quem terá visto por um breve momento,
o voar de fada de três aves sobre o Sena?

Uma Gaivota no mar em Honfleur

O sino de uma igreja inteira de madeiras
toca as doze horas, mas em nada atrapalha
o suave pouso de uma gaivota na água
e o seu deixar-se estar ali, apenas,
como quem vem de muito longe
e agora chegou, e pousa e não nada
e nem voa e nem tem pressa alguma.
Aos que passam pelas calçadas acima
na enseada mansa do mar de Honfleur
a gaivota na água, imóvel como um monge
ensina segredos de ser zen:
estar ali como quem já foi e ouvir o vento
e deixar-se, sem mover, ir-se com o vento.

Uma cegonha em Ponferrada

No alto de uma alta chaminé
a cegonha fez o seu ninho de gravetos
como uma casa às avessas sobre a casa
onde os homens se escondem do frio e do tempo.
De pé, como quem vigia o mundo
ela espera o sol da Primavera.
Passarinhos de uma cor escura
voejam ao redor do ninho da cegonha
e nos seus ocos abaixo de seus pés
fazem os seus pequenos ninhos.
A cegonha os acolhe sem cuidados
e sobre a silenciosa casa dos homens
de janelas fechadas e cortinas
uma comunidade de cantos e de asas
acena do alto de uma chaminé sem fogos
ao passar apressado de um trem sem rumos.

Inverno de 2008

Agora, a noite

Agora é a noite
E o lampião aceso sobre a mesa
Ofende o escuro, a cor da noite.
Estendido num banco um corpo dorme.
Se ele é teu, acorda-o.
Ainda é tempo!

Longe, aqui

Longe. Longe?
O que é longe? Onde é o longe?
Aqui é longe e um sol de outono
Na fumaça do canavial incendiado
Vem olhar o seu rosto noutro rosto.
E no lugar onde eles se encontram:
O fogo do céu e o da terra
Ali eles se dizem: "aqui é onde".

numa página do livro Prosas de Malarmé

Terras das Américas

Um trem entre León e Granada na Nicarágua
terras devastadas por terremoto e guerra

Esteli

Duas vezes
com astúcias e bombas
destruíram Estelí.
Mas do que restou,
um povo pobre,
um povo livre
faz do barro, tijolos
levanta paredes
e revive Estelí
entre ruína e festa.

La Ceiba

A madrugada de Jinotepa
sonha amanhecer em La Ceiba.
Com medo da morte
um trem do Norte
passou em silêncio
junto ao vulcão.

la Paz

Na parede de escombros
deixada a quem veja
escreveram isto
em negro e vermelho:
"Sandino vive!"
Juntas no mastro
no que foi uma praça
esperam o vento
da manhã de maio
a bandeira "nica"
e a "sandinista".

no trem entre Managua e Granada
1987

Canção

Como a noite era,
como a noite.
E da noite vinha
um raro aroma
de vida e vinho
de morada amiga.
à beira da lagoa de Xiloá
em uma cratera de vulcão
verde e sem fundo.
Nadei ali, e de longe via as luzes
da cidade de Managua, a antiga.
A lua brilha, amada,
e porque o seu clarão
na noite clara eu visse,
pensei em ti aqui
e lá onde estás, ao Sul,
Maria Alice.

Managua
1987

No Sul

À procura do que há de Sul em mim
(uma Rosa dos Ventos rota e louca)
cortei o Chile do Centro à Araucanía
no coração escuro da noite austral.
O trem traçava um único rumo possível
nesta fina terra entre o mar e a cordilheira,
ela mesma como um trem parado para sempre
numa estação entre desertos e pinheiros.

Era uma noite de outono e havia o vento
e fora a densa roupa da neblina escura
nada havia a ver pelas janelas,
e choravam abertas as janelas
a suspiros, borboletas e ausências.
Bastava no entanto o silêncio e o olhar da alma
que o frio e o vinho tornam mais vidente
e então do escuro e da fumaça negra
surgiam do nada os rostos amados.
Rostos sem nome, e o rosto de seus nomes.

Entre Santiago e Temuco,
no meio da noite em 1981

Temuco

Então
como se fosse em uma festa
com padre e noivo e noiva.
O sol que o dia inteiro
esteve oculto com frio atrás do poncho
que a névoa fia e tece em Temuco
apareceu na franja do horizonte
e num breve bordado de fios prata
entre uma fresta do que é tarde e já é noite
brilhou no céu do Sul por três minutos.
Com a alma cheia de algum ser sem nome
eu queria abraçar quem primeiro passasse
e num abraço gritar, entre bêbado e monge:
"venho de longe e te saúdo, irmão!"

Em Temuco, em 1981
No dia em que pelo rádio ouvi a notícia de que
a Argentina havia invadido as ilhas Malvinas.

Borges

Lendo-o penso: o melhor
De mim é Borges.
E como no espelho bem quisera
Que, vendo-o, cego
no final da vida que viveu
Os meus olhos a ele eu desse
Como a luz aos meus ele me deu.

E outros lugares. "Depois de 21 de dezembro de 1992"
Escrito na última folha de Obra Poética de Jorge Luiz Borges. Livro comprado em Cambridge, em 13 de fevereiro de 1989.
Lido em viagem a Liverpool, quando pensei traduzir toda a poesia dele (o que não fiz) e relido em 1992, entre Brión, Santiago de Compostela, Campinas, Goiânia

Tremores da Terra

De longe o vulcão vela a cidade.
Coberto de neve não parece esconder fogos
e Popayan dorme em paz entre casas brancas como a neve.
Dois terremotos entre dois séculos
sacudiram pedras e adobes da cidade.
Duas vezes Popayan misturou o branco das paredes
com a cor vermelha do sangue e das rosas desfolhadas.
Duas vezes, com as mãos de negros e de índios
reergueram os de Popayan casas e igrejas
e nos jardins mãos de meninas de pele escura
replantaram cravos, rosas e açucenas.
Viajante, quando passares por entre a doce paz
desta cidade branca, Popayan,
lembra-te que sobre a terra a cidade branca
brinca de ser alegre e eterna e, serena, canta.
Mas sob ela o tremor da Terra
dorme, e está apenas adormecido.

Em Popayan, montanhas da Colômbia
2015

Popayan

Brancas casas.
brancas capelas
brancos os bancos
os prédios do poder
e a alma das gentes.

Mas negros são
os olhos das moças
de nomes de índios
que sob roupas negras
caminham entre os brancos.